

Viagem entre Brasil e Portugal

Ana Maria Domingues de Oliveira
Universidade Estadual Paulista – *Campus* de Assis

Resumo

Em 1938, a Academia Brasileira de Letras premiou a ainda inédita obra *Viagem*, de Cecília Meireles. No ano seguinte, a coletânea de poemas foi publicada em Lisboa, pela Editora Ocidente. A premiação do livro pela Academia Brasileira de Letras, entretanto, foi cercada de polêmica. À frente dos acadêmicos que defendiam a atribuição do prêmio a *Viagem* estava Cassiano Ricardo, que publicou em seguida o livro *A Academia e a poesia moderna* (São Paulo: Revista dos Tribunais, 1939), documentando as circunstâncias da premiação. Trata-se de uma obra pouco conhecida e não obstante fundamental para a história do Modernismo no Brasil, já que nela se discute, afinal, mais que a premiação de *Viagem*, a noção de moderno. Neste trabalho, procuro recuperar o importante e esquecido registro feito por Cassiano Ricardo, ao mesmo tempo lançando um olhar sobre o livro de poemas que Cecília considerou, ao definir a primeira edição de sua *Obra poética*, em 1958, como o marco inicial de sua obra. *Viagem*, como o próprio nome sinaliza, consiste numa travessia poética moderna que associa, numa via de mão dupla, Brasil e Portugal. Para além disso, a polêmica em torno da premiação de *Viagem* é também reveladora das circunstâncias em que a escrita das mulheres estabelece seus alicerces no Brasil da primeira metade do século XX.

Palavras-chave: Cecília Meireles; *Viagem*; Portugal; Academia Brasileira de Letras.

Abstract

In 1938, the Brazilian Academy of Letters awarded the still unpublished work *Viagem* [*Journey*], by Cecília Meireles. In the following year, the collection of poems was published in Lisbon, by Editora Ocidente. The decision of the Brazilian Academy of Letters to award Cecília Meireles before the publication of the book was surrounded by controversy. Representing the academics that stood up for the assignment of the award was Cassiano Ricardo, who subsequently would publish the book *A Academia e a poesia moderna* [*Academy and Modern Poetry*] (São Paulo: Revista dos Tribunais, 1939), where he discussed the circumstances for the awarding. Scarcely known, Cassiano Ricardo's book is, notwithstanding, essential for the history of the Modernist Movement in Brazil, as it addresses issues that go beyond the granting of the award to *Viagem*, also focusing on the notion of *modern*. This essay aims at retrieving the relevant and forgotten registration accomplished by Cassiano Ricardo, and at the same time to look into the book of poems that Cecília considered to be the starting point of her *Obra Poética* (1958). *Viagem*, as its own name suggests, consists of a modern poetic voyage that associates, in a twin track approach, Brazil and Portugal. Moreover, the controversy surrounding the awarding of *Viagem* also reveals the circumstances in which the foundations of female writing were laid in Brazil in the first half of the XX century.

Keywords: Cecília Meireles; *Viagem*; Portugal; Brazilian Academy of Letters.

Há 77 anos, em 1938, a Academia Brasileira de Letras premiava um livro de poemas de uma autora brasileira. Era a ainda inédita obra *Viagem*, de Cecília Meireles, que viria a ser publicada no ano seguinte, em Lisboa.

Primeiro prêmio da Academia concedido a uma mulher, primeira obra de poesia moderna reconhecida pela Academia, não é de estranhar, portanto, que a escolha de *Viagem* tenha sido cercada de polêmicas: a atribuição do prêmio não teria ocorrido sem turbulências internas na casa de Machado de Assis.

Foi tanta a polêmica que cercou a premiação, que Cassiano Ricardo publicou em seguida o livro *A Academia e a poesia moderna* (São Paulo: Revista dos Tribunais, 1939), documentando todo o processo de seleção do melhor livro de poesia.

Naquela ocasião, dividiram-se os acadêmicos entre os que defendiam a atribuição do prêmio a *Viagem*, à frente dos quais se encontrava Cassiano Ricardo, e os que, capitaneados por Fernando Magalhães,¹ com o apoio de Olegário Mariano, julgavam não ser a obra cecilianiana digna do primeiro lugar.

Cassiano Ricardo, Guilherme de Almeida e João Luso foram os acadêmicos designados para analisar as 29 obras inscritas e atribuir os prêmios e menções honrosas. O primeiro deles, entretanto, em parecer datado de 20 de novembro de 1938, propôs aos demais atribuírem apenas o primeiro prêmio a Cecília Meireles e suspender as demais premiações e menções, diante da distância que separava o livro da poetisa dos demais concorrentes. A frase cunhada então por Cassiano dizia: “Quando canta o irapuru,² os outros pássaros ficam quietos... (RICARDO, 1939, p. 17)”³ Com essa frase, queria Cassiano enfatizar que *Viagem* estava muito acima dos demais, do ponto de vista qualitativo, levando em consideração os três critérios que elegeu para analisar as obras concorrentes:

Assim, para a concessão do prêmio, o julgamento teria que orientar-se já no sentido de escolher, dentre os trabalhos em questão, aquele que preenchesse preliminarmente três condições: ser o mais brasileiro (para poder ser universal); ser o mais moderno (para poder falar a todos os tempos); ser original (e aqui se inclui a questão expressional) para não repetir o que os outros já fizeram e não tirar à poesia o que ela tem de mais típico, que é ser uma “criação”. (RICARDO, 1939, p. 11)

¹ Fernando Magalhães (1878-1944) foi médico obstetra e ginecologista, professor e orador. Por seus livros científicos e discursos foi eleito em 1926 para a cadeira 33 da Academia Brasileira de Letras. Foi ainda deputado do Estado do Rio de Janeiro à Constituinte em 1934 e pelo Distrito Federal ao Congresso Nacional em 1937. No início da década de 1930, através da imprensa, polemizou com Cecília Meireles a respeito de questões pedagógicas, e foi, segundo referem Cassiano Ricardo e Osmar Muniz Pimentel, na mesma obra em análise, derrotado pelos argumentos da poetisa.

² Chamamos a atenção, aqui, para a ave escolhida para representar a poesia de Cecília Meireles: o uirapuru é um pássaro nativo da Amazônia, de canto especialmente belo e, embora seja encontrado em outros países da região, é tido como ave tipicamente brasileira. Dizem os nativos que, diante da beleza do canto do uirapuru, toda a floresta silencia.

³ Para as citações da obra de Cassiano Ricardo, tomei a liberdade de atualizar ortograficamente o texto.

Em se tratando de brasilidade, modernidade e originalidade, portanto, *Viagem* seria o único livro digno de receber o reconhecimento da Academia: “No presente julgamento, o livro que alcança essas três condições, e com que galhardia, é o que se intitula ‘Viagem’, de Cecília Meireles” (RICARDO, 1939, p. 13).

Claro está que tal decisão, ainda que endossada pelos outros dois membros da comissão, foi alvo de oposições, tendo sempre à frente o médico obstetra Fernando Magalhães, que defendia a premiação do livro *Pororoca*, de Wladimir Emanuel, no que foi apoiado por um Olegário Mariano aborrecido com uma passagem do parecer de Cassiano Ricardo que criticava em um dos concorrentes a contínua utilização das cigarras como tema dos poemas. Olegário Mariano, como se sabe, tinha tais insetos como um de seus temas prediletos e, portanto, sentiu-se atingido pela contundência do parecerista.

Como forma de tentar invalidar o parecer de Cassiano Ricardo, que fora endossado pelos outros dois membros da comissão, Fernando Magalhães afirmou que o autor de *Martim Cererê* teria favorecido a poetisa, sem ao menos conhecer os livros dos demais concorrentes. Indignado, Cassiano Ricardo faz novo pronunciamento, dessa vez comentando uma a uma as outras obras, inclusive a *Pororoca* de Wladimir Emanuel, com observações muitas vezes mordazes sobre os poemas daqueles autores.

Ao final do processo, depois de muitas ameaças e ofensas mútuas, Cassiano Ricardo propôs a Múcio Leão que se constituísse um Tribunal de Honra com três acadêmicos eleitos por cada um dos dois polemistas, com a finalidade de encerrar a polêmica. Múcio Leão reúne-se com alguns outros acadêmicos e com Fernando Magalhães e consegue, então, costurar um acordo pelo qual ficaria encerrada a polêmica, comunicando a decisão a Cassiano Ricardo, em carta datada de 4 de agosto de 1939, nove meses depois de iniciada a discussão.

Como se pode observar, trata-se de uma obra pouco conhecida e não obstante fundamental para a história do Modernismo no Brasil, pois documenta não só a polêmica premiação de *Viagem* pela Academia Brasileira de Letras, mas também põe em discussão a noção de moderno e sua relação com uma instituição como a Academia. O autor transcreve todo o processo: as discussões, os pareceres, o julgamento, a decisão, a repercussão na imprensa (com muitos artigos transcritos na íntegra) e até mesmo o discurso que a poetisa deixou de fazer, na entrega do prêmio ao seu livro, em protesto contra os cortes efetuados no texto pela censura prévia da Academia.

Assim, a infelizmente pouco conhecida publicação de Cassiano Ricardo constitui documento importantíssimo para a própria história da literatura brasileira do século XX.

O próprio autor antevê tal importância quando arrola, na “Advertência” com que abre o volume, os seus objetivos ao publicar o livro:

Este livro visa, sobretudo, três objetivos. O primeiro é fixar algumas reflexões à margem da poesia moderna. [...] O segundo, menos extenso, desnuda uma questão de ordem moral. [...] Constitui ele

um documento útil dos processos de que se valem certos e equívocos representantes da inteligência brasileira para comprometerem, entre nós, a dignidade das ideias. [...] É um terceiro objetivo – e de alcance até sociológico – que pode interessar a quem se disponha, agora ou mais tarde, a escrever os fastos dessa luta travada pelo espírito de modernidade, e em defesa do Brasil, contra as ideias e os sentimentos mortos. (RICARDO, 1939, p. 5-6)

O grau de consciência e de premonição de Cassiano Ricardo é admirável, não obstante o livro tenha sido publicado em edição limitada em 1939 e nunca reeditado. Seu interesse para uma história do movimento modernista no Brasil e sua relação com a Academia Brasileira de Letras é inquestionável. Se a disposição de Cassiano Ricardo em publicar toda a polêmica fosse imitada em outras ocasiões, a história da literatura brasileira estaria muito mais bem documentada.

Para além do interesse documental mais imediato da obra, há, entretanto, um outro nível mais particular de interesse: o de contribuir com uma luz singular para uma discussão mais ampla do lugar da obra de Cecília Meireles no panorama do século XX brasileiro, pondo em questão dois lugares-comuns da crítica sobre a obra da poetisa: seus poemas não teriam marcas de brasilidade e não estariam em consonância com o modernismo brasileiro. Vale a pena uma discussão das questões.

Sobre o primeiro aspecto, talvez pelas relações familiares que aproximaram Cecília Meireles de Portugal (sua mãe e avó eram açorianas e seu primeiro marido, Fernando Correia Dias, português), sua obra sempre teve, para a crítica, um vínculo com a literatura portuguesa, faltando à sua poesia, segundo tal ponto de vista, uma “cor local” brasileira. A publicação de *Viagem* pelas Edições Ocidente, com a dedicatória “A meus amigos portugueses” certamente contribuiu para essa vinculação.

No que concerne à questão de sua não adesão ao movimento modernista brasileiro, basta percorrer algumas obras relacionadas à história literária brasileira para observar algumas curiosidades. Seu nome pode, por exemplo, ser encontrado em panoramas do Simbolismo brasileiro (MURICY, 1952) e do Pré-modernismo (BOSI, 1973), e estar ausente de obras que supostamente deveriam traçar um panorama do movimento modernista brasileiro, como é o caso do volume *A literatura brasileira: o Modernismo (1916-1945)*, de Wilson Martins (MARTINS, 1973). Mesmo José Paulo Moreira da Fonseca, em crítica acerca da obra *Canções* (1956), aborda simultaneamente a questão da vinculação ao Brasil e ao movimento modernista:

Jamais se filiou, efetivamente, a qualquer uma das correntes que agitaram nossas letras neste meio século. Essencialmente lírica, em função de tal fato manteve-se, malgrado o afastamento dos “movimentos”, fiel à tradição luso-brasileira. (FONSECA, 1957)

Assim, é curioso observar que estes poucos exemplos da crítica literária acerca de Cecília Meireles já apontam em sua obra o pouco comprometimento com seu tempo e seu país, justa-

mente dois dos três critérios estabelecidos por Cassiano Ricardo para a análise das obras que concorreram ao Prêmio de Poesia de 1937 da Academia Brasileira de Letras, critérios esses que o levaram à conclusão de que o único livro que atendia plenamente (“e com galhardia”, conforme o autor) a tais critérios era justamente o da autora que mais tarde seria acusada de não possuir tais qualidades!

Observemos mais alguns apontamentos de Ricardo sobre o livro *Viagem*:

O livro espelha o instante dramático do mundo que estamos vivendo. [...] As suas “Quadras” são das mais espontâneas que já se escreveram em brasileiro. [...] Meu intuito é dizer apenas que o mérito desta poetisa está, também, em ter deixado de escrever “haikais” e sonetos, para ser corajosamente do seu país e da sua época. [...] A poesia de Cecília, conquanto reduza as coisas a um mínimo de matéria e cor, não despreza o lirismo brasileiro na sua melhor tradição. [...] A poesia de Cecília Meireles reata a mais pura tradição do lirismo brasileiro. Profundamente brasileira, sua mensagem é, por isso mesmo, universal. (RICARDO, 1939, p. 13, 15, 17, 30, 82)

Como se pode facilmente notar, Cassiano Ricardo trata, ao longo de sua leitura de *Viagem*, de destacar insistentemente a firme vinculação dos poemas da obra ao momento e ao país em que se insere. Chega mesmo a dizer que a obra é escrita “em brasileiro”, considerando-a próxima, portanto, de seu projeto – e do projeto de Mário de Andrade – de buscar independência entre o português do Brasil e o de Portugal.

Curiosamente, na obra *Pororoca*, defendida por Fernando Magalhães e rejeitada por Cassiano Ricardo, abundam os termos indígenas, como no trecho referenciado por este último:

Vem vindo a ubá... Já se distingue o vulto
do afoito curumim remando à popa...
Vem todo nú. A roupa jaz no esgote,
de sururú lhe denunciam a faina.
Um aturá de assai, mais um paneiro
dentro do panacu de guaruman.
Rema tranqüilo, esquiva um caranau,
quebra na curva e abica para o mangue...⁴

(*Apud* RICARDO, 1939, p. 65)

Não obstante a verdadeira enxurrada de termos indígenas criada por Wladimir Emanuel, Cassiano Ricardo declara que *Viagem* é o livro mais genuinamente brasileiro entre os concorrentes, o que atesta a sua compreensão mais profunda da noção de brasilidade, que escapa à mera presença – ainda que recorrente – de palavras de origem indígena.

⁴ Mantive aqui a ortografia do original.

Diante da contundência de Cassiano Ricardo ao ressaltar o caráter moderno e brasileiro do livro *Viagem*, resta-nos agora voltar nossa atenção para a obra em tela, para tentar retomar alguns de seus poemas à luz de tais considerações.

Busco, então, dirigir o olhar ao livro de poemas que Cecília considerou, no momento de definir o conjunto da primeira edição de sua *Obra poética*, em 1958, como o marco inicial de sua obra, deixando de lado os títulos publicados anteriormente. Livro que tem sua primeira publicação em Portugal, pelas Edições Ocidente, com uma dedicatória aos “amigos portugueses”, *Viagem*, como o próprio nome sinaliza, consiste numa viagem moderna que, segundo nosso ponto de vista, associa, numa via de mão dupla, Brasil e Portugal, embora decididamente brasileira.

Também é preciso lembrar que *Viagem* teve uma recepção muito favorável da crítica, não esquecendo a importante resenha que dele fez Mário de Andrade, transcrita por Cassiano Ricardo e que hoje integra o volume *O empalhador de passarinhos*. O texto é datado de 16 julho de 1939, portanto escrito ainda no calor dos acontecimentos. Nele, Mário de Andrade julga que a academia se valorizou, ao premiar Cecília, e que esta sacrificou a si mesma, inscrevendo-se no concurso, apenas para que a entidade pudesse ser elevada. Com fina ironia, Mário desvaloriza a Academia como instituição, e enaltece o valor literário da poetisa.

Fazem parte do livro alguns dos poemas mais conhecidos de Cecília, como “Motivo” e “Retrato”, textos que se tornaram obrigatórios nas muitas antologias cecilianas que foram organizadas desde então. Mas há também outros poemas, menos conhecidos, que certamente atestam as características apontadas por Cassiano Ricardo: brasilidade, modernidade e originalidade.

Tomemos, a título de exemplo, o poema “Gargalhada”:

Homem vulgar! Homem de coração mesquinho!
Eu te quero ensinar a arte sublime de rir.
Dobra essa orelha grosseira, e escuta
o ritmo e o som da minha gargalhada:
Ah! Ah! Ah! Ah!
Ah! Ah! Ah! Ah!

Não vês?
É preciso jogar por escadas de mármore baixelas de ouro.
Rebentar colares, partir espelhos, quebrar cristais,
vergar a lâmina das espadas e despedaçar estátuas,
destruir as lâmpadas, abater cúpulas,
e atirar para longe os pandeiros e as liras...
O riso magnífico é um trecho dessa música desvairada.

Mas é preciso ter baixelas de ouro,
compreendes?

— e colares, e espelhos, e espadas e estátuas.
E as lâmpadas, Deus do céu!
E os pandeiros ágeis e as liras sonoras e trêmulas...
Escuta bem:

Ah! Ah! Ah! Ah!
Ah! Ah! Ah! Ah!
Só de três lugares nasceu até hoje essa música heróica:
do céu que venta,
do mar que dança,
e de mim.

(MEIRELES, 2001: 244)

Trata-se, como se pode observar, de um poema distante da imagem da poetisa alienada, espiritualizada, sutil, pouco ousada formalmente. Aqui se trata não do sutil sorriso, mas da explícita gargalhada, inclusive incluindo transcrições onomatopaicas do som dessa gargalhada, como se percebe nos quatro versos que apenas repetem “Ah! Ah! Ah! Ah!”. Do ponto de vista formal, notamos a ausência de métrica e rimas, havendo entretanto um importante recurso expressivo que vai acentuar do ponto de vista rítmico e sonoro a sonoridade da gargalhada, sobretudo na terceira estrofe. Aqui não se encontra aquele sujeito poético tradicionalmente associado aos poemas de Cecília, introspectivo, etéreo, sutil. Ele se dirige com contundência a um interlocutor, aqui evocado com palavras inegavelmente agressivas: “Homem vulgar! Homem de coração mesquinho!”, de “orelha grosseira”. Tomando, pois, os aspectos apontados acima, é possível perceber, sem quaisquer dúvidas, o comprometimento do poema com as lições da modernidade. A julgar por este exemplo, portanto, Cassiano Ricardo estaria correto ao constatar a face moderna dos poemas que constituem *Viagem*.

No que se refere à questão da brasilidade dos versos de Cecília Meireles, expomos para sua discussão o poema “Província”:

Cidadezinha perdida
no inverno denso de bruma,
que é dos teus morros de sombra,
do teu mar de branda espuma,

das tuas árvores frias
subindo das ruas mortas?
Que é das palmas que bateram
na noite das tuas portas?

Pela janela baixinha,
viam-se os círios acesos,
e as flores se desfolhavam
perto dos soluços presos.

Pela curva dos caminhos,
cheirava a capim e a orvalho
e muito longe as harmônicas
riam, depois do trabalho.

Que é feito da tua praça,
onde a morena sorria
com tanta noite nos olhos
e, na boca, tanto dia?

Que é feito daquelas caras
escondendo o seu segredo?
Dos corredores escuros
com paredes só de medo?

Que é feito da minha vida
abandonada na tua,
do instante de pensamento
deixado nalguma rua?

Do perfume que me deste,
que nutriu minha existência,
e hoje é um tempo de saudade,
sobre a minha própria ausência?

(MEIRELES, 2001, p. 289-291)

No poema, o sujeito poético estabelece um diálogo com uma cidadezinha, perguntando onde foram parar as características que ela possuía anteriormente. O poema é todo composto com verbos no pretérito, opondo as memórias de um tempo passado a uma constatação de desaparecimento dos elementos que compõem a memória da cidade. Os elementos que compunham a cidade, na memória do sujeito poético, são compatíveis, para ficar num exemplo mais coerente do ponto de vista biográfico, com um Rio de Janeiro da infância da autora: morros de sombra, mar de branda espuma, árvores frias, pessoas que batem palmas às portas, cheiro de capim, o som das sanfonas depois do trabalho, a praça com a morena sorridente.

Embora nas últimas três estrofes do poema haja uma drástica mudança no tom nostálgico, com a introdução de um ambiente de medo e desamparo, o que nos interessa aqui é a presença efetiva de uma cidade brasileira neste poema escrito por uma poetisa de quem dizem não ter escrito nada de tipicamente brasileiro. Mais uma vez Cassiano Ricardo estava certo: se não buscamos o estereótipo do nacional, é evidente que *Viagem* – e por que não estender à toda a obra poética de Cecília Meireles – tem seu imaginário fincado no Brasil.

Para concluir essa discussão de alguns poemas de *Viagem*, volto a uma das considerações de Cassiano Ricardo: “As suas ‘Quadras’ são das mais espontâneas que já se escreveram em brasileiro” (RICARDO, 1939, p. 15). De fato, faz parte do conjunto de poemas de *Viagem* um grupo de sete quadras, escritas na mais pura tradição desse gênero, que é tão caro à tradição popular brasileira. A título de exemplo, cito uma delas:

O vento do mês de agosto
 leva as folhas pelo chão;
 só não toca no teu rosto
 que está no meu coração.

(MEIRELES, 2001, p. 295)

Como se pode observar, a quadra é composta nos moldes da tradição popular, com versos de sete sílabas e rimas intercaladas. A opção de incluir as sete quadras entre os poemas de *Viagem* constitui, segundo nosso ponto de vista, uma clara sinalização de um compromisso com seu país, com sua tradição literária popular, de raiz oral. Um gesto que demonstra, além disso, entre os sonetos e haicais criticados por Cassiano Ricardo, o uso de uma forma genuinamente brasileira, em perfeita consonância, portanto, com as propostas nacionalistas do movimento modernista brasileiro.

Julgamos que estas breves considerações reafirmam a justeza dos critérios de Cassiano Ricardo na avaliação das obras concorrentes ao Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras e o acerto da escolha da obra *Viagem* como a mais brasileira, a mais moderna e a mais original entre os 29 participantes.

Antes de encerrar, porém, é conveniente fazer referência a um último documento constante do volume organizado por Cassiano Ricardo: o discurso que Cecília Meireles faria na ocasião da premiação e que, por decisão da autora, foi suspenso. A razão da suspensão encontra-se em nota já na última página de *A Academia e a poesia moderna*:

Em carta dirigida ao autor, e respondendo a um pedido de autorização para a publicação desse admirável discurso, assim explica Cecília Meireles o motivo pelo qual deixou de pronunciar-lo na sessão de entrega do prêmio: “A Academia designou-me para oradora, prevenindo-me de que havia censura acadêmica mas referente a ataques à Pátria, à Família e à pessoa dos acadêmicos. Escrevi

esse discurso. Cortaram os trechos que vão indicados. Achei que a censura se tinha excedido. Não falei.” (RICARDO, 1939, p. 180)

O que se lê aqui é o relato de uma atitude extremamente corajosa por parte de Cecília Meireles, ainda mais se considerarmos a polêmica em torno da premiação. Não há um gesto de sujeição, há, sim, uma atitude corajosa de protesto. Entre os três trechos indicados para corte pela Academia, julgamos esclarecedor citar o segundo:

Os que vivem em atraso sobre a evolução de um assunto são responsáveis por projetarem em redor de si, como vivos e atuais, conceitos mortos, que serviram a uma época e estão inutilizados para outras. São esses os que cometem a velha imprudência de não gostarem do que não entendem, e acusarem de obscuro, inconveniente ou inartístico o que escape aos cânones de uma estética em que se fixaram – quando se fixaram em alguma. Porque sabeis, senhores, que, sendo a arte imortal, a verdade estética é variável no espaço e no tempo. Nem é outra a imortalidade da arte, senão essa sobrevivência apesar da moda e do gosto do momento. (MEIRELES *apud* RICARDO, 1939, p. 178-179)

Como fica claro, a censura da Academia vestiu a carapuça da acusação de atraso constante desse trecho e solicitou sua supressão. Os demais trechos também se referem a posturas retrógradas de alguns acadêmicos em oposição às posturas mais renovadoras de outros. Ter incluído tais considerações em seu discurso e depois ter optado por não o ler, em represália à censura a essas mesmas considerações, são demonstrações de coragem e de firmeza de opinião de uma poetisa sempre acusada de estar alheia a seu tempo e seu país.

Repor em discussão o volume organizado por Cassiano Ricardo, portanto, tem também a intenção de trazer de novo à discussão grande parte das afirmações que a crítica tem feito sobre a obra de Cecília Meireles. Sua obra está à espera de releituras que abram novas perspectivas para a compreensão de seu lugar no cenário da literatura brasileira do século XX.

Por último, é preciso lembrar também que a polêmica em torno da premiação de *Viagem*, seguida da censura prévia da Academia ao afinal suspenso discurso da poetisa premiada, é reveladora também das circunstâncias em que a escrita das mulheres constrói seus alicerces no Brasil da primeira metade do século XX, contribuindo para o estabelecimento de uma história da literatura de autoria feminina no Brasil.

Referências

- ANDRADE, Mário de. Cecília e a poesia. In: _____. *O empalhador de passarinho*. 3. ed. São Paulo/Brasília: Martins/INL/MEC, 1972, p. 71-75.
- BOSI, Alfredo. *O pré-modernismo*. São Paulo: Cultrix, 1973. (A literatura brasileira, 5).
- FONSECA, José Paulo Moreira da. *Canções de Cecília Meireles*. *Correio da manhã*, Rio de Janeiro, 6 abr. 1957, p. 10.